

24-9-13 — INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO EVANGELHO OBSERVAÇÕES INICIAIS

Sempre que vamos estudar um assunto qualquer, em primeiro lugar, devemos buscar a compreensão de sua posição no contexto em que o mesmo se situa. Esta compreensão é fundamental para que não cometamos os erros infantis, que sempre podemos observar quando se ignora essa necessidade. Justamente por isso, iniciaremos nosso estudo sobre o Evangelho de nosso Mestre Jesus buscando essa compreensão.

Nosso Mestre, como todos nós sabemos, veio ao solo planetário da Palestina. Foi em um ambiente de paz que Ele chegou até nós. A Palestina havia se tornado um protetorado romano e com isso a paz, interna e externa, era mantida por pelos romanos, e os habitantes pagavam um imposto para assegurar esta paz.

O Mestre veio em um momento em que as estruturas sociais do Império Romano iniciavam o processo de degradação provocado pela decadência da Diretriz Espiritual baseada no culto ao antepassado. Esta decadência gerou a instalação da corrupção e provocou a queda moral da elite governante. Os judeus já experimentavam o efeito da degradação social e ética pelo mesmo motivo, viviam de modo semelhante ao que podemos observar em nossa sociedade, em um estado mais avançado.

No seio do judaísmo, a corrupção e deturpação dos princípios doutrinários instituídos por Moisés também atingiam níveis intoleráveis e a Justiça Divina teria de intervir, como de fato, interviu energicamente.

O Judaísmo, na época do Mestre, havia sofrido grande degeneração, semelhante à que sofreram todas as Doutrinas que foram enviadas para nossa educação. Como em todas as outras, no seio do Judaísmo, os interesses mundanos haviam se sobreposto aos interesses espirituais. Essa degeneração havia atingido o ápice na época do Mestre, depois tivemos a degeneração do Cristianismo que se tornou a mais terrível fonte de males para a humanidade, pois, os interesses mundanos também substituíram os interesses espirituais e agora observamos o mesmo processo degenerativo comprometendo o Espiritismo. Novamente observamos os interesses mundanos se sobrepostos aos interesses espirituais.

Evidentemente, o mundo ocidental, até hoje, não faz a menor ideia do que seja o Judaísmo, mesmo sendo a Bíblia o livro mais “estudado” do mundo, e foge aos nossos interesses do momento sua compreensão. Nosso assunto é o ensino do Mestre Jesus e, as referências ao Judaísmo serão apenas as estritamente necessárias para o nosso entendimento.

Ao analisarmos o Evangelho, pelo menos o que chegou até nós; compreendemos logo que nosso Mestre era um adepto do Judaísmo, sempre o defendeu e aconselhou seus preceitos a todos que o procuraram. Veremos isso no decorrer de nossos estudos. Ele não era Cristão nem criou o cristianismo, como infantilmente se crê. O Mestre Jesus trabalhou para promover o retorno do Judaísmo aos seus fundamentos doutrinários, à sua Diretriz Espiritual.

Vamos analisar os textos disponíveis dos Evangelhos e empregar na análise os conhecimentos espiritualistas que sempre faltaram àqueles que desejaram compreender essa Mensagem. Os que se dizem interessados na sua compreensão, ou seja, os teólogos e outrosólogos mais, não se deram ao trabalho de compreender o assunto com uma visão espiritual, e sempre interpretaram as palavras do Mestre sob a ótica estreita de seus preconceitos, frutos do sectarismo; justamente por isso o Mestre não é compreendido por nenhuma seita cristã, infelizmente, nem mesmo a espírita.

Nosso primeiro objetivo é separarmos, no texto, as palavras do Mestre, daquilo que foi acrescentado por diversos motivos, inclusive os pedagógicos.

Que os textos sofreram acréscimos, deturpações e omissões não há dúvidas, porém, não devemos esquecer que todas as ocorrências nesta área foram acompanhadas pelos nossos Mentores, e as deturpações sempre estiveram dentro do controle por Eles instituídos, pois, as mutilações do Evangelho atenderam a uma necessidade pedagógica para torná-lo aceito pelo mundo ariano.

Ao analisarmos os textos de Mateus, percebemos logo seu pendor literário, o autor romanceou a vida do Mestre, ele colocou Seus ensinamentos no clima de um romance. Mateus criou um contexto no qual se desenrola a vida de Jesus, e para falar de seu nascimento, logo no capítulo 1, recorre à genealogia de José, o pai biológico.

Depois da genealogia surge um mito difícil de ser atribuído a Mateus ou a qualquer outro semita, esse mito tem sabor ariano, esse tipo de mito é comum no mundo ariano e detestável entre os semitas, portanto,

acredito que foi enxertado pela cultura ariana, que se tornou criadora e proprietária do cristianismo. Nesse mito, o pai biológico é descartado, e a função biológica que gerou Seu nascimento passou a ser atribuída diretamente a Deus. Quem estudar um pouco a cultura ariana verá que é um mito comum. Diversos personagens eram filhos de deuses ou deusas com humanos. Mas, seja como for; para quem está interessado nos ensinamentos do Mestre, e em seu Evangelho, nada disso tem a menor importância, o capítulo todo pode ser descartado, nele não encontramos nenhuma palavra do Mestre, portanto, não nos interessa, aí não existe nada que se possa chamar de Boas Novas.

Vamos agora ver o capítulo 2 deste texto. Nele também não encontramos nada do Evangelho, o único interesse que temos é a visita dos Magos, que discutiremos no futuro, portanto, não perderemos tempo e vamos ao capítulo 3. Neste capítulo também não há Evangelho, mas nele se introduz outra personagem que irá reaparecer mais adiante, trata-se João Batista e do batismo do Mestre, fato que vai gerar uma gravíssima contradição mais adiante. Mateus foi lacônico ao referir-se a João Batista, não encontrou motivos para mais informações, no entanto, Lucas, por ser de origem ariana, considerou importante fornecer mais detalhes sobre João. Veja o que nos relata:

«««——»»»

Anúncio do nascimento de João Batista — Nos dias de Herodes, rei da Judeia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e, de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor. Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram de idade avançada.

Ora, aconteceu que, ao desempenhar ele as funções sacerdotais diante de Deus, no turno de sua classe; coube-lhe por sorte, conforme o costume sacerdotal, entrar no Santuário do Senhor para oferecer incenso. Toda a assembleia do povo estava fora, em oração, na hora do incenso.

Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias perturbou-se e o temor apoderou-se dele. Disse-lhe, porém, o Anjo: “Não temas Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, vai te dar um filho, ao qual porás o nome de João. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe e converterá muitos filhos dos filhos de Israel ao Senhor, e seu Deus. Ele caminhará à sua frente, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto”. Zacarias perguntou ao Anjo: “De que modo saberei disso? Pois eu sou velho e minha esposa é de idade avançada”. Respondeu-lhe o anjo: “Eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te esta boa nova. Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isto acontecer, porquanto não creste em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno”. O povo esperava por Zacarias, admirado com sua demora no Santuário. Quando ele saiu, não lhes podia falar; e compreenderam que tivera alguma visão no Santuário. Falava-lhes com sinais e permanecia mudo.

A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento e Salmos, Lucas, 1, 5:22, Edições Paulinas, págs. 110 e 111.

«««——»»»

Todos os redatores do Evangelho se referem a João Batista, no entanto, somente Lucas valoriza o seu nascimento conforme relatado no texto acima; e nele há uma agressão ao nosso intelecto. Você a identifica?

Quando estudamos e encontramos algo irracional, como o encontrado no texto acima, temos de buscar a compreensão correta em outros estudos ou descartar a informação como falsa ou inadequada. Vamos discuti-la no próximo estudo e você compreenderá meu método de estudo.

Muita paz e amor para você.

Recordemos O Espírito Verdade:

Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

Pedro Pereira da Silva Neto

Em nosso estudo anterior eu perguntei a você, leitor; se identificou uma agressão intelectual. Você a identificou? Reveja a pergunta:

Todos os redatores do Evangelho se referem a João Batista, no entanto, somente Lucas valoriza o seu nascimento conforme relatado no texto acima; e nele há uma agressão ao nosso intelecto. Você a identifica?

Leitor; é bem provável que você aceitou o texto sem maiores transtornos. Saiba que esse é o pior obstáculo encontrado no desenvolvimento da Doutrina Espírita. As pessoas leem os textos rapidamente e a compreensão é sempre superficial. Vamos reler o texto de Lucas.

«««—»»»

Anúncio do nascimento de João Batista — Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e, de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor. Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram de idade avançada.

Ora, aconteceu que, ao desempenhar ele as funções sacerdotais diante de Deus, no turno de sua classe, coube-lhe por sorte, conforme o costume sacerdotal, entrar no Santuário do Senhor para oferecer incenso. Toda a assembleia do povo estava fora, em oração, na hora do incenso.

Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias perturbou-se e o temor apoderou-se dele. Disse-lhe, porém, o Anjo: “Não temas Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, vai te dar um filho, ao qual porás o nome de João. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe e converterá muitos filhos dos filhos de Israel ao Senhor, e seu Deus. Ele caminhará à sua frente, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto”. Zacarias perguntou ao Anjo: “De que modo saberei disso? Pois eu sou velho e minha esposa é de idade avançada”. Respondeu-lhe o Anjo: “Eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te esta boa nova. Eis que ficarás mudo e sem poder falar até o dia em que isto acontecer, porquanto não creste em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno”. O povo esperava por Zacarias, admirado com sua demora no Santuário. Quando ele saiu, não lhes podia falar; e compreenderam que tivera alguma visão no Santuário. Falava-lhes com sinais e permanecia mudo.

A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento e Salmos, Lucas, 1, 5:22, Edições Paulinas, págs. 110 e 111.

«««—»»»

Neste texto vamos destacar várias informações.

- 1 — Zacarias é um sacerdote íntegro, cumpridor de todos os preceitos e fiel aos desígnios Divinos.
- 2 — Zacarias fez uma súplica que foi ouvida por Deus.
- 3 — O enviado de Deus se apresenta a ele, e informa que sua súplica foi atendida; ele terá um filho.
- 4 — Zacarias reage com descrença ante a possibilidade de ter um filho, por sua idade e a da esposa.
- 5 — Com a manifestação da descrença o Anjo resolve puni-lo. Ele fica mudo.
- 6 — O povo que esperava por Zacarias compreendeu que ele tivera alguma visão no Santuário.

«««—»»»

O irracional dessa história, como colocada, é a descrença de Zacarias. Um homem com estas características pode ser um incrédulo?

O povo que esperava por Zacarias, em orações, ao vê-lo sem poder falar, se comunicando apenas com gestos, compreendeu imediatamente que ele tivera alguma visão no Santuário. Ora! Isso só é possível caso as visões fossem comuns, e realmente eram; os sacerdotes não eram médiuns como se entende entre os espíritas, a maioria deles conheciam a Ciência Espiritualista, portanto, se comunicavam com os espíritos constantemente; este é mais um motivo para tornar incompreensível a atitude de Zacarias; e tem mais, caso ele considerasse impossível, a realização de seu desejo, sua súplica não faria sentido. Há algo errado em tudo isso.

As pessoas, em geral, não analisam nada do que leem. Entre os espíritas há alguns que acreditam analisar, no entanto, sua análise é um exercício de censura; repelem o que não compreendem dizendo: isso

está errado, não concordo, e quando a ideia já foi aceita anteriormente, mesmo sem análise, ele diz: isso está correto. Essa conduta é que está destruindo o movimento espírita.

No caso sob nossa análise temos uma grave dificuldade para encontrar a solução; Zacarias; apesar de ser mencionado nesta redação do Evangelho, creio que não seja mencionado em mais nenhum outro texto cristão, então, convivi com o problema da irracionalidade do que foi apresentado por Lucas.

Agora vamos falar de uma consequência psíquica desse tipo de problema. As pessoas que leem e não analisam sofrem um efeito mais sério que aquelas que analisam, pois, mesmo sem analisarem, compreendem que há algo errado, e essa compreensão é inconsciente, mas, mesmo sendo inconsciente, não deixa de afetar profundamente o raciocínio do indivíduo. Justamente por isso o Mestre alertou: Por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado. Mateus, 12,37.

Aproveito para alertar meus amigos em relação ao que fazem: todos querem ensinar, mas apenas alguns desejam aprender. Veja a responsabilidade que você assume ao trazer ideias equivocadas para serem implantadas na mente daqueles que acreditam em você. Vamos voltar a Zacarias. O assunto, diante de meu discernimento, ficou em suspenso até que encontrei outra fonte de informações mais precisas e que explicaram racionalmente o caso de Zacarias. Trata-se do Alcorão, eu o estudei atendendo o conselho da questão 628 de o Livro dos Espíritos e a uma necessidade intelectual. Veja o que ele fala sobre Zacarias, no capítulo que recebe o nome de Maria, se referindo à mãe de Jesus: (Os muçulmanos respeitam profundamente Jesus e sua mãe; não com fanatismo, mas com respeito verdadeiro.)

«««—»»»

A SURA DE MARIA

2. Este é o relato da misericórdia de teu Senhor, para com Seu servo Zacarias,
3. Quando ele chamou por seu Senhor, em secreto chamado.
4. Disse: Senhor meu! Por certo, meus ossos fraquejam e minha cabeça flameja encanecida, e, jamais, fui infeliz, Senhor meu, na súplica por Ti!
5. “E, por certo, temo os herdeiros, depois de mim, e minha mulher é estéril; então, dadiva-me, de Tua parte, com um herdeiro,
6. “Que herdará de mim **a ciência** e herdará, da família de Jacó, **o reino**. E fazei-o, Senhor meu, agradável a **Ti**.”
7. **Allah disse**: “Ó Zacarias! Por certo, Nós te alvissamos um filho, cujo nome será Yahia, (**João**), para quem, antes, não fizemos homônimo.”
8. **Zacarias** disse: “Senhor meu! Como hei de ter um filho, enquanto minha mulher é estéril e, com efeito, **já** atingi, da velhice, **a decreptude**?”
9. Disse ele⁽¹⁾ “Assim teu Senhor disse: ‘Isso me é fácil, e, com efeito, criei-te, enquanto nada eras!’”
10. Zacarias disse: “Senhor meu! Faze-me um sinal.” Ele disse: “Teu sinal será que não falarás aos humanos, por três noites, **embora** estando perfeito.”
11. Então, saiu do santuário, a seu povo, e inspirou-lhes, **por gestos**: Glorificai **a Allah**, ao alvorecer e ao anoitecer.”
12. “Ó Yahia⁽²⁾! Toma o Livro⁽³⁾, com firmeza!” E concedemo-lhe a sabedoria, em sendo infante.

(1) **Ele**: o Anjo Gabriel.

(2) Passou-se o tempo, e nasceu João Batista, a quem Deus se dirige neste versículo.

(3) **O Livro**: a Tora

Tradução do sentido do **Nobre Alcorão** para a língua portuguesa, realizada por Dr. Helmi NASR, Professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, Editado pelo Complexo do Rei Fahd para imprimir o **Alcorão Nobre** AL-Madinah Al-Munauarah K.S.A. (Reino da Arábia Saudita.)

«««—»»»

Agora temos algo racional, agora podemos ver que Zacarias não pedia um filho e sim um herdeiro, um que recebesse por herança, a sua **Ciência**, ou seja: Zacarias pedia um discípulo digno de receber os conhecimentos que possuía. Zacarias não se apresentou com descrença diante do Anjo Gabriel, o Enviado de Deus, ele apenas pediu um sinal e o sinal foi sua mudez por três dias.

Agora eu creio que você ficou mais confuso que esclarecido, creio que está perguntando-se: que tem

a ver o Islam com o Evangelho? Preste atenção no versículo 12, nele há uma exortação a Yahia, ou seja, a João Batista, para que empunhe o Livro, a Torá de Moisés. Agora vemos o Livro do Islam aconselhando a difusão da Torá. Com novos estudos você descobrirá que há uma grande conexão entre os maiores Mestre da Humanidade: Moisés, Jesus e Mohammad. Nós veremos tudo isso no futuro.

Meus amigos, quem fica a vida toda a ler os mesmos livros acabam vegetando como um pé de alface; despertem-se! Descubra o mundo em que vive, descubra sua posição nesse mundo, e somente você poderá fazer estas descobertas.

Caso você venha a acompanhar os estudos que envio; compreenderá o que é o Islam, compreenderá que não há nada em comum entre o Islam e as notícias que envolvem a violência, incorretamente atribuída aos muçulmanos, é algo semelhante a atribuir as cruzadas ou a inquisição ao Mestre Jesus.

Esta referência serve, também, como elemento para a compreensão do contexto, em que o Evangelho foi ensinado pelo Mestre. Em novos estudos as conexões entre estes assuntos irão se tornando mais claras e sua compreensão vai se ampliar.

Muita paz e amor para você.

Recordemos O Espírito Verdade:

Espíritas! Amai-vos; este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

Pedro Pereira da Silva Neto

Como vimos no estudo anterior, existe uma conexão entre o Evangelho e o Alcorão, e vimos no texto do Alcorão, a incitação feita a João Batista para que trabalhasse pela Torá, o conjunto de livros de Moisés, a fonte da Lei Judaica, a fonte da **DIRETRIZ ESPIRITUAL JUDAICA**, portanto, vemos uma conexão do Alcorão com a Torá; e caso você deixe de lado seu sectarismo e estude o Evangelho, verá que o Mestre Jesus também estabelece firmes conexões com a Torá, Ele a defende e indica a todos que o procuram em busca de orientação, como veremos mais adiante.

Agora vamos a uma pergunta terrível: O que unifica estas três correntes de pensamentos com conteúdos espirituais, aparentemente diferentes entre si?

Sei que essa é uma resposta, por enquanto, quase impossível entre os espíritas, apesar de que deveria ser muito fácil, bastava que se interessassem pelo estudo dos assuntos espirituais, que se interessassem pela própria educação, em vez de se interessarem apenas pela educação dos outros. Vou esclarecer:

O que une os Mestres Moisés, Jesus e Mohammad é a **Ciência** a que se referiu Zacarias; esta **Ciência** une também os Magos que vieram saudar o Mestre Jesus; é a **Ciência Espiritualista Semita** que nos influencia muito, apesar de não ser compreendida nem percebida. Caso você continue com estes estudos irá compreender tudo isso muito bem. Voltemos ao final do Capítulo 3 do Evangelho de Mateus.

Aqui vamos encontrar Jesus, que vai a João Batista a fim de ser batizado por ele. Veja e raciocine sobre o diálogo que “houve” entre eles.

«««——»»»

Batismo de Jesus — Nesse tempo, veio Jesus da Galileia ao Jordão até João, a fim de ser batizado por ele. Mas João tentava dissuadi-lo, dizendo: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?” Jesus, porém, respondeu-lhe: “Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça.” E João consentiu.

A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento e Salmos, Mateus, 3, 13:15, Edições Paulinas, pág. 26.

Todos os textos do Evangelho apresentados na sequência, são dessa versão.

«««——»»»

Você não se esqueceu, que João foi o herdeiro da **Ciência** de seu pai; Zacarias. O conhecimento dessa **Ciência** é que permitiu a João identificar o ser espiritualmente superior que se encontrava à sua frente pedindo-lhe, que o purificasse simbolicamente com seu batismo. Nesta **Ciência** se encontra os elementos que foram incorretamente classificados como mediúnicos, ou seja: A Vidência, A Clarividência o Desdobramento ou Viagem Astral, etc., essa **Ciência** deverá ser conhecida por todos os espíritos em seu processo de libertação das amarras ancestrais. Essa **Ciência**, entre os gregos e romanos, recebia o nome de **Mistérios**, e os adeptos eram chamados de **Iniciados**.

Este Capítulo se encerra com o batismo do Mestre, em que se descrevem efeitos transcendentais.

No Capítulo 4 também não existe nada de Evangelho, apenas narrações que não serão compreendidas por quem não conheça a **Ciência** de que temos falado, portanto, não há nada de Evangelho aqui. Não há nenhuma palavra do Mestre sobre a Boa Nova que veio proclamar. O único interesse que podemos ter neste Capítulo é a referência ao jejum, uma prática espiritualista, adotada por todas as escolas, desde os tempos imemoriais. O jejum de um discípulo deve ser sempre acompanhado pelo mestre, caso contrário há riscos, inclusive da própria vida, portanto, alerta: Não seja imprudente, nós estudaremos o assunto no momento devido, e somente então, você poderá exercitar-se neste ou em qualquer exercício espiritualista. O Mestre Jesus não precisou de mestres, creio que este não seja seu caso, portanto: **Prudência; aprenda primeiro para poder agir com segurança, não seja afoito.**

O Evangelho começa realmente no Capítulo 5 com as Bem-Aventuranças. Aqui começa realmente o texto com as instruções e a Doutrina do Mestre que se estendem pelos Capítulos 6 e 7 quando, a partir do Capítulo 8 se inicia as narrações sobre os Seus feitos; aqui se inicia a **Tradição de Jesus**.

As observações feitas até aqui são importantes para se estabelecer um método de estudo, diferente do que é adotado em todos os lugares, pois jamais devemos esquecer que o Evangelho do Mestre Jesus é composto de suas instruções, de sua Doutrina; e não de observações ou enxertos de qualquer ordem, feitas por quem quer que seja. As instruções e observações do Mestre é o que nos interessa.

Na parte narrativa também encontramos muitas instruções e exemplos da conduta adotada pelo Mestre em diversas situações. Aproveito para chamar a atenção para um exemplo de conduta, o Mestre jamais fez imposições, sempre respeitou as ideias de todos, mas sempre exigiu de todos os discípulos, uma postura clara, como foi anotada por Mateus:

«««——»»»

Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa.

Mt 12, 30.

«««——»»»

Como se pode observar, com o Mestre não havia espaço para meias palavras ou assunto duvidoso.

Os estudiosos que não adotam um critério correto de estudo não compreendem a resposta do Mestre Jesus à pergunta dos fariseus sobre o maior mandamento. Sua resposta foi anotada por Mateus no Capítulo 22, vers. 36. Veja:

«««——»»»

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda tua alma e de todo teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

«««——»»»

Os “estudiosos” acreditam que nesse ponto, o Mestre tenha introduzido uma novidade, uma nova postura doutrinária que não existia no Judaísmo, porém, isso é um engano, o amor ao próximo está nas Leis de Moisés, mais precisamente em Levítico 19, 18. Veja:

«««——»»»

Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: Eu sou o Senhor.

A Bíblia Sagrada, João F. de Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil, pág. 140.

«««——»»»

O Mestre foi sempre fiel à sua seguinte declaração:

«««——»»»

Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i ou uma vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado. Aquele, portanto, que violar um só desses menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus. Aquele, porém, que os praticar e os ensinar, esse será chamado grande no Reino dos Céus.

A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento e Salmos, Mateus, 5, 17:19, Edições Paulinas, pág. 30.

«««——»»»

Como podemos observar com facilidade, compreender o Mestre Jesus não é tarefa simples como parece à primeira vista. O estudioso, aquele que quer realmente entender, e não apenas atender aos interesse sectário para tagarelarem com irresponsabilidade; não pode desanimar, nem mesmo com a seguinte informação: Moisés, Jesus e Mohammad, os três maiores Mensageiros enviados por Deus, para a nossa educação espiritual, ensinaram uma única Doutrina; as aparentes diferenças entre elas se devem às necessidades culturais da época em que foram enviadas e, pelo mesmo motivo, a ênfase que cada um deu a um dos aspectos dessa mesma Doutrina, obedeceu à necessidade pedagógica do momento. O Profeta Moisés deu ênfase ao princípio da **Justiça Divina**, pois ela é a base de toda organização social, sem a qual não é possível o desenvolvimento espiritual da humanidade. O Profeta Jesus veio quando a crença na existência dessa **Justiça** já estava enraizada na cultura judaica, desse modo pode dar ênfase ao **Amor ao Próximo**, o sentimento que une as pessoas justas, e desenvolve a compaixão para com as pessoas injustas; além de fazer este amor se manifestar nas relações sociais. A união das pessoas justas, aquelas que se orientam com os princípios da **Justiça Divina**, buscavam com essa ênfase ao Amor, uma nova etapa do desenvolvimento espiritual do judaísmo. Finalmente tivemos a vinda do Profeta Mohammad, que veio encerrar o ciclo das profecias; ele deu ênfase ao último dos princípios fundamentais para a educação espiritual, este princípio somente pode ser adotado por quem já adotou os anteriores e os enraizou em seu psiquismo, é a **Consciente e Racional**

Submissão total aos desígnios Deus.

A mensagem do Profeta Mohammad possibilita a última etapa de desenvolvimento espiritual, seja em escola Esotérica ou Exotérica, pois, essa submissão total a Deus somente pode ser atingida se o indivíduo adotar radicalmente os princípios da Justiça Divina e Amar e Respeitar profundamente seu próximo. A Doutrina trazida pelo Profeta Mohammad engloba tudo o que é necessário para garantir nosso desenvolvimento espiritual. Aproveito para informar que trarei muitas ideias da Mensagem deste Profeta para auxiliar nosso discernimento e compreensão das Leis de Deus.

Quando compreendemos estes três Mensageiros Celestiais, compreendemos que a nossa caminhada espiritual somente atingirá a meta quando conquistarmos o domínio total nestes três fundamentos da Doutrina Divina: A Justiça, o Amor e a Submissão Racional a Deus, a partir daí não haverá distinção entre judeus, cristãos e muçulmanos; todos nós professaremos a mesma Doutrina, todos nos sentiremos o que realmente somos: irmãos; todos, filhos do mesmo Pai que podemos chamar de Deus ou Allah ou ainda Iahweh.

Muita paz e amor para você.

Recordemos O Espírito Verdade:

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

Pedro Pereira da Silva Neto

6-10-13 E 8-10-13 — CONCEITO DE ARQUÉTIPO DE JUNG E A DOCTRINA ESPÍRITA

No decorrer de nossos estudos tenho feito referências ao nosso grave problema cultural. Sei muito bem que as pessoas não conseguem compreender direito o porquê destas referências. Infelizmente isso se deve à falta de um estudo correto de nossa Doutrina, pois ela esclarece muito bem o problema como veremos no próximo estudo.

Tenho falado também sobre a necessidade de conhecimentos propedêuticos e sei que há uma grande dificuldade para compreenderem corretamente o que digo, portanto, entraremos direto no assunto com um exemplo; fornecerei informações que não são doutrinários, mas que nos auxiliarão muito a compreendermos melhor a nossa Doutrina. Vamos ao estudo.

CARL GUSTAV JUNG E O CONCEITO DO ARQUÉTIPO

Um dos maiores estudiosos do funcionamento de nossa psique, pertencente ao Mundo Acadêmico, foi **C. G. Jung** que resgatou a ideia dos arquétipos para se referir à atuação dos conteúdos psíquicos ancestrais, em nossa atividade psíquica atual. Veja o que ele nos diz a respeito:

«««——»»»

A teoria relativa às ideias pré-conscientes, originais, não foi de modo algum criada por mim, como o demonstra a palavra “arquétipo”, pertencente ao primeiro século da nossa era. (A expressão “arquétipo” é utilizada por Cícero, Plínio e outros. Como conceito claramente filosófico, aparece em *Corpus Hermeticum*, lib. I (W. Scott, *Hermetica*, I, 116, 8.^a))

Em relação particular com à Psicologia, encontramos esta teoria nas obras de Adolf Bastian e novamente em Nietzsche. Na literatura francesa, Hubert e Mauss e Lévy-Bruhl indicam ideias semelhantes. Apenas dei um fundamento empírico à teoria daquilo que antes foi denominado de ideias elementares ou originais, *catégories* ou *habitudes directrices de la conscience*, etc., na medida em que levei a cabo em detalhes pesquisas correntes.

Psicologia e Religião, Zahar Editores, 1965, pág 60 e 61

«««——»»»

No decorrer de nossos estudos você conhecerá um pouco das ideias de Cícero. Agora, voltemos nossa atenção a Jung.

Em Psicologia e Religião Oriental, referindo se ao Livro dos Mortos do Tibet, ele diz no parágrafo 845:

«««——»»»

O estado de *Tschönyid* é um estado de *ilusões cármicas*, isto é, daquelas ilusões que se baseiam nos restos (ou merecimentos) psíquicos das vidas anteriores. A Visão oriental do carma é uma espécie de genética psíquica que se apóia na hipótese da reencarnação, isto é, da supra temporalidade da alma, quanto ao último ponto de vista. Nem nossa ciência nem nossa razão podem aderir a essa concepção. Para nós, ela sucinta muitos *porens* e muitos *ses*. Antes de tudo, sabemos desesperadamente muito pouco acerca de uma possível continuação da psique além da morte, de tal modo que é impossível prever o que se poderá apresentar como prova a seu respeito. Além disso, sabemos sobejamente que uma demonstração nesse sentido é tão improvável, por razões teórico-críticas, quanto a prova da existência de Deus. Por isso o conceito de carma só deve ser admitido com prudência, uma vez que o entendamos no sentido amplíssimo de *heranças psíquicas*. Existe uma herança psíquica, isto é, uma herança de peculiaridades psíquicas tais como, por exemplo, certas disposições a contrair uma doença, traços do caráter, dotes naturais, etc. São manifestações vitais básicas que se fazem sentir de modo particular no plano da psique, assim como também há peculiaridades hereditárias sensíveis sobretudo no plano fisiológico, isto é, físico. Mas entre as qualidades psíquicas hereditárias há uma classe particular que não encontra limitações essenciais, nem de ordem familiar, nem no plano social. São as disposições espirituais de caráter genérico, entre os quais devemos considerar de modo particular um certo tipo de *formas*, de acordo com as quais o espírito ordena, por assim dizer, os seus conteúdos. Poderíamos chamá-los também de *categorias*, analogicamente às categorias lógicas que existem sempre e por toda parte, e que constituem os pressupostos essenciais e imprescindíveis do intelecto. Só que no caso das “formas” em apreço não se trata de categorias do intelecto, mas de categorias da *faculdade*

imaginativa. Como os produtos da fantasia são sempre diretamente acessíveis à observação, no sentido mais amplo do termo, suas formas, *a priori* têm o aspecto de *imagens*, e de *imagens típicas*, às quais, por essa razão, dei o nome de *arquétipos*, inspirado na antiguidade clássica. A pesquisa comparada das religiões e dos mitos, do mesmo modo que a psicologia dos sonhos e das psicoses, são, na verdade, minas de dados. O espantoso paralelismo entre tais imagens e as ideias por elas expressas deram azo frequentemente até às mais ousadas teses de migração, quando o mais lógico teria sido pensar em uma semelhança notável da alma humana em todas as épocas e em todos os lugares. Na realidade, as formas arquétipas geradas pela fantasia se reproduzem espontaneamente sempre e por toda parte, sem que se deva pensar, nem mesmo de longe, em uma transmissão por via direta. As relações estruturais primitivas da psique são de uma surpreendente uniformidade e semelhança com relação às de um corpo visível. **Os arquétipos são como que órgãos da psique pré-racional. São sobretudo estruturas fundamentais características, sem conteúdo específico e herdadas desde os tempos mais remotos. O conteúdo específico só aparece na vida individual em que a experiência pessoal é vazada nessas formas.** Se tais arquétipos não preexistissem em todos os lugares de forma idêntica, como explicar o fato de o *Bardo Thödol* (O livro dos mortos, do Tibet) pressupor, quase sem exceção, que os mortos não têm consciência de ter morrido, tal afirmação podendo ser encontrada com frequência na mais banal e inculta literatura espírita da Europa e da América? Embora encontremos essa afirmativa em Swedenborg, o conhecimento de seus escritos nunca foi difundido a ponto de qualquer médium comum deparar com essas histórias em qualquer parte. É impossível pensar numa conexão entre Swedenborg e o *Bardo Thödol*. Trata-se de uma ideia muito primitiva, universalmente difundida, segundo a qual os mortos simplesmente prosseguem a vida que tiveram na terra, e por isso muitas vezes não sabem que são espíritos de defuntos. **É uma ideia arquétipa que se manifesta prontamente, de forma palpável, quando alguém tem uma visão de um fantasma.** Notável também é o fato de que os fantasmas apresentam certos traços comuns em todos os lugares da terra. Naturalmente, conheço a hipótese indemonstrável do espiritismo, sem, porém, admiti-la. Contento-me com a hipótese de uma estrutura psíquica que existe por toda parte, diferenciada e herdada sob tal forma, predeterminando todas as experiências vitais em uma direção definida e de forma prefixada. De fato, do mesmo modo que os órgãos corporais não são dados indiferentes e passivos, mas constituem complexos de funções dinâmicas que manifestam sua existência com imperiosa necessidade, **assim também os arquétipos formam como que órgãos psíquicos, complexos dinâmicos (instintivos), que determinam, no mais alto grau, a nossa vida psíquica.** Por isso também chamei os arquétipos de *dominantes do inconsciente*. Mas dei o nome de *inconsciente coletivo* à camada inconsciente da alma, constituída por essas formas dinâmicas universalmente difundidas.

Edição do Círculo do Livro S. A. Por cortesia da Editora Vozes Ltda.

«««—»»»»

Agora podemos fazer uma analogia entre o funcionamento da nossa “**máquina psíquica**” e o funcionamento de um computador. Ambos funcionam acionados por programas que controlam suas atividades. Os programas que controlam o funcionamento psíquico do ser, segundo a nomenclatura de C. G. Jung, que adotei em meu livro: “**Karma — lei**”; são os “**Arquétipos**”, são eles que determinam as nossas atividades psíquicas, veja a descrição: **assim também os arquétipos formam como que órgãos psíquicos, complexos dinâmicos (instintivos), que determinam, no mais alto grau, a nossa vida psíquica.**

Você compreende agora a causa de aparecerem ideias indesejáveis em sua mente, e você não ser capaz de eliminá-las? Enquanto você não aprender a controlar sua mente, ela controlará você. Justamente por isso, Helena Blavatsky, a mentora do movimento Teosófico, afirmou: Sua mente pode ser sua maior amiga, se a controlar, ou será sua maior inimiga, caso ela o controle.

Voltemos ao computador; suas atividades são controladas pelos programas em uso. Isso eu creio que você compreenda muito bem.

Agora vamos ao que nos interessa nessa analogia, agora vamos compreender realmente o que é estudar.

A estrutura e capacidade de funcionamento dos programas do computador são alteradas pelas atualizações efetuadas, enquanto que, a estrutura e capacidade de funcionamento dos programas psíquicos são atualizadas pelo estudo, pela aquisição intelectual.

Quando usamos um computador para escrever um texto, por exemplo, temos de criar um arquivo novo para armazenar esse texto, assim vamos ocupando os espaços de memória sem causar modificações nos programas.

Semelhante a essa ocupação dos espaços da memória, no caso das estruturas e funcionalidades psíquicas, é quando apenas lemos uma informação, ou ainda, quando decoramos um ensino qualquer, nessa ação apenas acumulamos informações em nossa memória e não modificamos a estrutura e capacidade de funcionamento dos programas psíquicos. Estes somente podem ser modificados quando meditamos profundamente nas ideias que pretendemos compreender, e que analisamos muitas informações relacionadas com essa ideia, fazemos as devidas conexões entre as ideias, e extraímos uma conclusão nossa, pessoal, a respeito de todas as ideias analisadas, e que devem ser baseada nas informações pesquisadas.

Agora podemos compreender o que leva ao fracasso nosso Movimento Espírita, nossos líderes dependem muito tempo com as atividades alheias ao estudo, assim, não estudam, apenas leem rapidamente as matérias de seu interesse e busca em seu próprio conteúdo psíquico a interpretação do que pretende compreender.

Ora! Nós já compreendemos que os nossos conteúdos psíquicos são muito semelhantes, pois, originam-se na mesma cultura, partilhamos do mesmo passado. A consequência desse equívoco no método de estudo leva todos eles às mesmas conclusões sobre um determinado assunto, isso reforça o equívoco, pois, todos desenvolvem ideias inadequadas e equivocadas, no entanto, muito semelhantes entre si.

Estudar é muito diferente de armazenar informações, estudar é fazer conexões entre as ideias em estudo com as ideias de nossos arquivos psíquicos.

Estas são algumas observações iniciais sobre esse assunto, voltaremos a discuti-lo novamente quando conquistarmos uma maior compreensão sobre as atividades psíquicas.

Não posso deixar de me referir à questão 780 de O Livro dos Espíritos. Veja:

«««—»»»»

780. O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

“Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.”

a) — Como pode o progresso intelectual engendrar* o progresso moral?

(engendrar*: Dar origem a; gerar, produzir)

“Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, F. E. B., Pág. 445 e 446.

8-10-13 — NOSSO PATRIMÔNIO PSÍQUICO E O CONCEITO DE ARQUÉTIPO DE JUNG

No estudo anterior nós pudemos conhecer melhor o conceito desenvolvido por C. G. Jung a respeito de nosso patrimônio psíquico e suas atividades inconscientes; assim como as ideias sobre a palavra “Arquétipo”, adotada por ele para se referir a esse patrimônio. Vimos que esta palavra aparece pela primeira vez na literatura em textos de Cícero, o grande orador romano. Mais adiante conheceremos melhor este personagem tão importante na Roma de César.

Nos textos apresentados, a ideia sobre nossas atividades psíquicas foram claramente mostradas como dependente dos “Arquétipos”. Vamos recordar os fundamentos dessas ideias:

«««—»»»»

... Os arquétipos são como que órgãos da psique pré-racional. São sobretudo estruturas fundamentais características, sem conteúdo específico e herdadas desde os tempos mais remotos. O conteúdo específico só aparece na vida individual em que a experiência pessoal é vazada nessas formas....

«««—»»»»

... De fato, do mesmo modo que os órgãos corporais não são dados indiferentes e passivos, mas constituem complexos de funções dinâmicas que manifestam sua existência com imperiosa necessidade, assim também os arquétipos formam como que órgãos psíquicos, complexos dinâmi-

cos (instintivos), que determinam, no mais alto grau, a nossa vida psíquica. Por isso também chamei os arquétipos de dominantes do inconsciente. Mas dei o nome de inconsciente coletivo à camada inconsciente da alma, constituída por essas formas dinâmicas universalmente difundidas...

C. G. Jung, Psicologia e Religião Oriental, 845: Edição do Círculo do Livro S. A. Por cortesia da Editora Vozes Ltda.

«««—»»»»

Agora veremos o que diz a Doutrina Espírita a respeito deste assunto.

IDÉIAS INATAS

218. *Encarnado, conserva o Espírito algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?*

“Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama *idéias inatas*.”

a) — *Não é, então, quimérica a teoria das idéias inatas?*

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou.”

b) — *Grande conexão deve então haver entre duas existências consecutivas?*

“Nem sempre tão grande quanto talvez o suponhas, dado que bem diferentes são, muitas vezes, as posições do Espírito nas duas e que, no intervalo de uma a outra, pode ele ter progredido.” (216)

219. *Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?*

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Onde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem.”

220. *Pode o Espírito, mudando de corpo, perder algumas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto das artes?*

“Sim, desde que conspurcou a sua inteligência ou a utilizou mal. Depois, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela. Esta, então, fica em estado latente, para reaparecer mais tarde.”

221. *Dever-se-ão atribuir a uma lembrança retrospectiva o sentimento instintivo que o homem, mesmo quando selvagem, possui da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?*

“É uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito antes de encarnar. Mas, o orgulho amiadamente abafa esse sentimento.”

a) — *Serão devidas a essa mesma lembrança certas crenças relativas à Doutrina Espírita, que se observam em todos os povos?*

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; tal o motivo por que em toda parte a encontramos, o que constitui prova de que é verdadeira. Conservando a intuição do seu estado de Espírito, o Espírito encarnado tem, instintivamente, consciência do mundo invisível, mas os preconceitos bastas vezes falseiam essa idéia e a ignorância lhe mistura a superstição.”

«««—»»»»

Ora! Dirão os mais afoitos; já estudei tudo isso; já conheço estas questões de O Livro dos Espíritos, que tem isso a ver com o ato de estudar?

Vou responder, agora vamos começar, realmente, a estudar.

1— Creio que você compreendeu, sem nenhuma dúvida, que você mesmo carrega uma grande soma de ideias que foram desenvolvidas em suas vidas anteriores.

2 — Não sei se você já consegue compreender que esse conjunto de ideias é que compõem a nossa cultura.

3 — Agora, nesse item de nosso estudo já me sinto seguro em afirmar que a maioria das pessoas, sejam elas, espíritas ou não; nunca associaram essas ideias do passado com sua conduta atual. Os acadêmi-

cos reconhecem a existência dessas ideias, e reconhecem, também, que elas atuam de um modo inconsciente, ou simplesmente dizem que essas ideias pertencem ao subconsciente, ou do inconsciente ou ideias do gênero, e compreendem de modo irrefutável que essas ideias exercem uma atuação poderosa em nossas ações do dia-a-dia.

Um quarto item desse estudo somente poderá ser analisado quando tivermos uma compreensão maior sobre as atividades psíquicas.

Compreendendo essas ideias expostas, vamos recordar as palavras de Santo Agostinho na Questão 919 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

«««—»»»

CARACTERES DO HOMEM DE BEM

918. *Por que indícios se pode reconhecer em um homem o progresso real que lhe elevará o Espírito na hierarquia espírita?*

“O Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.”

CONHECIMENTO DE SI MESMO

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: **Conhece-te a ti mesmo.**”

a) — *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquiresse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo-de-guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: ‘Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’

“Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado. **“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual.** Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseqüentemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso

de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. **Com este objetivo é que ditamos *O Livro dos Espíritos.***”

SANTO AGOSTINHO
O LIVRO DOS ESPÍRITOS, F. E. B., Pág. 516 à 519.

«««——»»»

Aproveito para recordá-lo que a conquista do progresso moral somente é conseguido por aquele que estuda do modo correto e reorganiza as próprias estruturas psíquicas.

Muita paz e amor para você.

Recordemos O Espírito Verdade: Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

Pedro Pereira da Silva Neto

Observação: para a ancestral cultura da Grécia, e de Roma, a palavra “deus” tinha o mesmo significado que hoje tem a palavra “espírito” para os espíritas, ou seja, são as almas dos mortos, portanto, quando surgir no texto a palavra deus ou deuses, compreendemos que se referem a espírito ou espíritos, todavia podemos observar o monoteísmo implícito, ou explícito, no texto de Cícero ao se referir ao Deus onipotente.

Marco: — E com razão. Pois, fica certo de que em nenhum outro tipo de discussão se evidenciam melhor os dons que o homem recebeu da natureza, as qualidades excelentes que possui a mente humana, a tarefa para cuja execução ou realização viemos ao mundo e em que consistem a união dos homens e a sociedade natural entre eles. Somente após se ter explicado tudo isto, é que se pode descobrir a fonte das leis e do Direito.

Ático: — Assim, julgas que a ciência do Direito não deve ser haurida no édito do pretor, como hoje se pensa geralmente, ou na lei das doze XII tábuas, como antes se fazia, e sim no âmago da Filosofia.

Marco: — É que, Pompônio, nesta nossa palestra, não cogitamos de como agir com prudência em matéria de Direito ou de como responder a uma consulta feita. Esta é, sem dúvida, uma atividade muito importante, da qual, no passado, se ocuparam muitos homens ilustres, e a que, no presente, se dedica um só, mas com grande autoridade e erudição. Não obstante, como nossa conversa deve abordar a totalidade do Direito Universal e das leis, o que chamamos de direito civil ficará relegado a segundo plano, limitado. Temos de explicar a natureza do Direito e buscaremos a explicação no estudo da natureza do homem. Temos de examinar as leis pelas quais se deveriam reger os Estados, assim como as normas e as disposições concebidas e redigidas por cada um dos povos, e, entre estas, não deixará desfigurar o chamado direito civil de nosso povo.

Quinto: — Certamente, meu irmão, respondes a nossas perguntas recuando até as origens. A verdade é que, quando se ensina o Direito Civil, não se ensina o modo de conhecer a justiça, mas sim o de litigar.

Marco: — Não creias nisso, Quinto. Pois o que nos leva ao litígio é antes a ignorância do que o conhecimento do Direito. Mas voltaremos a tratar disso. Por enquanto, examinemos os princípios do Direito.

Eis que os autores mais sábios julgam ser conveniente começar pela lei e, parece-me, não se enganam se — conforme a própria definição — a lei é a razão suprema da Natureza, que ordena o que se deve fazer e proíbe o contrário. Esta mesma razão, uma vez confirmada e desenvolvida pela mente humana, se transforma em lei. Por isso afirmam que a razão prática é uma lei cuja missão consiste em exigir as boas ações e vetar as más. Julgam que esta lei deriva de seu nome grego de dar a cada um, o que é seu, e eu julgo que o nome latino está vinculado à ideia de “escolher”; pois sob a palavra lei eles apresentam um conceito de equidade e nós um conceito de escolha, e ambos são atributos verdadeiros da lei. Se tudo isto é certo, como creio que é, de um modo geral, então para falar de Direito devemos começar pela lei; **e a lei é a força da Natureza**, é o espírito e a razão do homem dotado de sabedoria prática, é o critério do justo e do injusto. Mas, como esta discussão trata de assuntos de interesse do povo, às vezes temos de nos expressar de forma popular e imitar o povo, que chama de lei a disposição escrita que permite ou proíbe tudo o que deseja. Sem dúvida, para definir o Direito, nosso ponto de partida será a lei suprema que pertence a todos os séculos e já era vigente quando não havia lei escrita nem estado constituído.

Quinto: — Este método será mais conveniente e corresponderá com maior exatidão aos objetivos da palestra.

Marco: — Então queres que busquemos a origem do Direito em sua fonte? Quando a encontrarmos, saberemos a que relacionar nossas investigações.

Quinto: — Assim o creio, com efeito.

Ático: — Considera-me, também, partidário da mesma opinião.

Marco: — Devemos observar e conservar a constituição que Cipião, em seus seis livros, demonstrou ser a melhor; devemos adaptar todas as nossas leis a este tipo de Estado; e, finalmente, devemos incentivar os bons costumes, sem aspirar a reger o todo por meio de leis escritas. **Por isso buscarei a fonte do**

Direito na Natureza, que há de ser nosso guia no curso de toda essa discussão.

Ático: — Muito bem. Se ela nos guia, não poderemos errar.

Marco: — Então estás disposto a concordar, Pompônio, pois eu já conheço a opinião de Quinto, que **os deuses imortais, por meio de sua força, de sua natureza, de sua razão, de seu poder, de sua mente, de sua virtude ou de qualquer outro termo que expresse com maior clareza o que eu quero dizer, governam toda a Natureza?** Porque se não o admites, terei de começar por isto, antes de continuar.

Ático: — Concordo, se assim o exiges. De qualquer maneira, o cantar dos pássaros e o murmúrio das águas me livram do temor de ser ouvido por um de meus discípulos.

Marco: — Toma cuidado, pois os de tua escola costumam irritar-se, como é próprio de homens virtuosos, e se indignariam ouvindo-te repudiar aquele varão ilustre, que escreveu na introdução de sua obra que um deus não se preocupa com coisa alguma, seja sua ou alheia.

Ático: — Continua, por favor, pois quero saber até onde nos levará a concessão que acabo de fazer-te.

Marco: — Serei breve. Tua concessão leva-nos a reconhecer que este animal cauto, sagaz, complexo, aguçado, dotado de memória, de razão e de prudência, a que chamamos de homem, **recebeu do deus supremo** uma existência que o coloca em situação ímpar. Pois ele é o único, entre todas as espécies e variedades de seres animados, que tem acesso a uma razão e a um pensamento, de que carecem as outras. **Com efeito, o que é mais divino, não direi apenas no homem, mas em todo o céu e a terra, do que a razão? E a razão, quando totalmente desenvolvida e aperfeiçoada, merece acertadamente ser chamada de sabedoria. Logo, se se observa que não há nada superior à razão e que esta se encontra tanto no homem quanto em Deus, resulta daí que a razão é o vínculo da primeira associação que se estabelece entre o homem e Deus.** Mas os que possuem razão em comum, devem também possuir em comum a razão justa. Ora, esta não é outra coisa senão a lei, logo a lei é um outro vínculo que devemos reconhecer entre os homens e deuses. Mas os que possuem a lei em comum também participam em comum do Direito, e os que partilham a mesma lei e o mesmo direito devem considerar-se como membros de uma mesma comunidade. Muito mais evidente ainda é tudo isto, se obedecem às mesmas autoridades e aos mesmos poderes. **Eles obedecem também à presente ordem celestial, à mente divina e ao Deus onipotente.** Logo, devemos considerar que o nosso universo é uma só comunidade, constituída pelos deuses e pelos homens. Enquanto nos Estados — por motivos que trataremos no momento oportuno — existem distinções fundadas nos vínculos familiares, na Natureza estas distinções oferecem um caráter muito mais imponente e brilhante, pois as relações familiares e gentílicas verificam-se entre homens e deuses. Com efeito, os que examinam a natureza do homem costumam afirmar (e com razão) que, depois de tantos movimentos e muitas revoluções celestes, **chegou o momento de lançar a semente do gênero humano; esta, uma vez plantada na Terra, recebeu o dom divino da alma.** Os demais atributos dos homens, que pertencem à categoria das coisas mortais, são frágeis e efêmeros; **mas a alma tem sua fonte em Deus.** Logo, podemos dizer, sem temor de erro, que temos um parentesco com os seres celestiais, que somos da mesma raça e que dependemos deles. Por isso, dentre todas as espécies animais, nenhuma, com exceção do homem, tem o menor conhecimento de Deus, enquanto que, entre os homens, não há povo algum, civilizado ou primitivo, que não se sinta obrigado a crer num Deus, enquanto que ignore o Deus no qual se deve crer. Daí resulta que, para o conhecimento de Deus, é necessário ter sempre em mente a fonte de onde partimos. Ademais, existe igualmente uma virtude no homem e em Deus, mas não nas demais espécies. Pois a virtude não é senão a Natureza realizada e levada ao mais alto ponto de perfeição; **logo, há uma semelhança entre o homem e Deus.** Se esta relação é real, como imaginar um parentesco mais estreito e óbvio? Por isso a Natureza foi pródiga nas coisas convenientes e úteis ao homem: parece que, ao engendrar estas riquezas, teve o propósito de no-las dar e não a criou ao acaso. Isto se aplica não só aos grãos e frutos da terra fecunda, como também aos animais domésticos, pois todos foram produzidos evidentemente para dar ao homem a sua força, a sua prole, e servir-lhe de alimento. **As artes surgiram em grande número mediante os ensinamentos da Natureza; e a razão mostrou-se capaz de conseguir as coisas de que necessitamos na vida porque soube imitar a Natureza. Essa mesma Natureza não só dotou o homem de uma mente ágil, como também atribui-lhe sentidos, que foram para ele satélites e mensageiros. Infundiu-lhe as primeiras**

noções, ainda que obscuras e incompletas, a respeito de uma quantidade de coisas que serviram como que de fundamentos da Ciência. Deu-lhe uma forma corpórea bem adaptada às exigências de seu espírito. E assim, enquanto modelava os demais animais para que buscassem alimento no solo, **fez erecto o homem, e somente ele, como que para impeli-lo a olhar para o céu, aparentemente seu berço e primeira morada.** Também modelou o rosto de tal forma que nele se manifesta seu caráter, por mais secreto que seja. Assim, os olhos traduzem, talvez com excesso, os sentimentos que embargam nossa alma, e o caráter se manifesta no que denominamos expressão, sendo que, de todos os seres viventes, o homem é o único a possuí-lo (expressão é algo que os gregos conhecem, ainda que não tenham palavra alguma para designá-la). Ao lado de outras vantagens e aptidões do nosso corpo, o domínio da fala, o poder da palavra, que é o fator principal para a comunicação humana. Todos esses pontos não interessam à presente discussão, nem ao tempo que dispomos e, ao meu ver, Cipião discorreu sobre eles de maneira satisfatória nos livros que haveis lido. **Além disso, já que Deus quis transformar o homem na razão de ser do Universo, e por isso lhe deu a existência juntamente com outras propriedades, já se vê claramente, sem entrar em maiores detalhes, que, por sua própria conta, a Natureza exerceu papel suplementar, pois sem orientação alguma e partindo dos princípios que aprendeu a conhecer, mediante as primeiras manifestações de sua inteligência, a Natureza, por suas únicas forças, robustece e aperfeiçoa a razão.**

Ático: — Deuses imortais! Quão longe buscas as origens do Direito! E, sem obstáculos, fazes que não me sinta impaciente de ouvir o que esperava, como por exemplo, as tuas reflexões acerca do Direito Civil; muito ao contrário, não teria eu inconveniente para que passasses todo o dia falando dessas coisas. Pois, se tão bem as mencionas como prováveis introduções a outras, certamente tem maior importância do que aquelas que servem de preâmbulo.

Marco: — Sim, certamente, são grandes problemas que estou abordando agora. Mas, entre todas as questões que constituem o objeto de discussões científicas, **nada é tão essencial como o compreender que nascemos para a justiça e que o Direito não se baseia em convenções, mas sim na Natureza.** Isto será bem claro para quem considere os vínculos sociais e a união dos homens entre si. Pois, não há coisa alguma que seja tão semelhante ou tão igual à outra como o somos nós, homens, todos guardando o respeito mútuo. E, se os maus costumes e as opiniões diversas não deturpassem as almas débeis, inclinando-as para o que lhes repugna, nada se parecia tanto a si mesmo quanto a todos. Por isso, de qualquer modo que se defina o homem, sempre a definição se aplicará a todos. Isto é suficiente para provar que não são razoáveis as diferenças feitas dentro do gênero humano, porque de outra forma não haveria definição aplicáveis a todos. Efetivamente, a razão — a única faculdade que nos coloca em posição superior aos animais e nos faz capazes de conjecturar, demonstrar, refutar, discutir, resolver e concluir — é sem dúvida, comum a todos os homens, pois ainda que haja desigualdade de conhecimentos, possuem todos, a mesma aptidão para aprender. Não apenas pelo fato de, em cada um, os sentidos captarem objetos parecidos, mas, também, pelo de os objetos impressionarem os sentidos de maneira semelhante. Estas impressões — que são as primeiras noções às quais me referi — são idênticas em todos, e ao interpretar a mente, a oração emprega termos distintos para expressar significados semelhantes. **Não há indivíduo, seja qual for a raça a que pertença, que não possa alcançar a virtude, segundo a orientação da Natureza.** Não somente pelas qualidades, mas também pelos defeitos, se nota a semelhança entre os homens. E todos se desejam atrair pelo prazer que, ainda que vergonhoso, oferece certa semelhança com o bem; a delicadeza e a suavidade nos deleitam e nos induzem ao erro de considerá-los salutareos. **Devido a um equívoco semelhante, abominamos a morte como se fosse uma dissolução da Natureza e nos apegamos à vida porque esta nos mantém no mesmo estado em que nascemos; situamos a dor entre os piores males, já que é penosa e também por parecer conduzir-nos à destruição da Natureza.** E, ao mesmo tempo, levando-se em conta a semelhança entre a vida honrada e a vida gloriosa, julgamos serem felizes os que recebem honras e infelizes os que não adquirem a fama. Os desgostos, as alegrias, os desejos e os temores fustigam todas as mentes da mesma forma, e, apesar da diversidade das opiniões, os que divinizam o cachorro e o gato não deixam de fazê-lo inspirando-se numa superstição comum atormentadora de todos os povos. **Mas, qual é a nação que não aprecia a cortesia, a amabilidade, o agradecimento e que não sente desagrado e mesmo odeia os orgulhosos, os perversos, os desapiedados, os mal-agraçados? Tudo isto nos leva ao**

entendimento e à compreensão de ser o gênero humano constituinte de uma única sociedade e que, em consequência, seu progresso moral resulta da ciência do bem viver. Se estas conclusões vos parecem corretas, vamos adiante, mas se desejais outras explicações, comecemos por elas.

Ático: — Não as desejamos, se é que posso contestar em nome de ambos.

Marco: — Assim, chegamos à conclusão de que a Natureza nos criou para que participássemos todos do Direito e o possuíssimos em comum. Tal é o sentido que nesse discurso atribuo ao Direito, quando afirmo que se baseia na Natureza; mas, tamanha é a corrupção proveniente dos maus costumes, que destrói o que poderíamos chamar de lampejos que nos foram dados pela Natureza, fomentando e reforçando os vícios contrários. **Se os homens ajustassem seus pensamentos à Natureza e confirmassem o dito do poeta de que “Nada humano lhe é estranho”, todos respeitariam igualmente o Direito.** Assim, os que receberam a razão da Natureza, também receberam a justa razão e conseqüentemente a Lei, que nada mais é que a justa razão no campo das concessões e das proibições. E se receberam a Lei, também receberam o Direito. Agora, como a razão foi dada a todos, temos como resultante que todos recebam o Direito. Por este motivo, Sócrates possuía boas razões para execrar — como era seu costume — o que primeiro alienou a utilidade do Direito e para lamentar o que havia sido, segundo ele, o início de todas as desgraças. Daí a frase conhecida de Pitágoras acerca da amizade. **Isto mostra que, se um sábio se concentra em uma só pessoa de virtude, semelhante a uma benevolência espalhada por todas as partes, então sucede o que alguns julgam incrível, ainda que não deixe de ser necessário: este sábio não tem mais amor por si mesmo que pelo outro;** e, com efeito, que diferença pode haver onde existe completa igualdade? Oferecendo-se uma pequena diferença, já haveria motivo para falar-se de amizade, pois que, por definição, esta desaparece logo que um dos amigos reserva algo para si mesmo. Tudo isto serve de instrução ao que direi depois, no transcurso de nossa discussão, e objetiva também esclarecer melhor que a raiz do Direito está na Natureza. Falarei um pouco mais a este respeito antes de abordar o tema do Direito Civil, origem de todo o debate.

Quinto: — Só um pouco mais e para o Ático, pois, com as tuas palavras, creio já estar convencido de que o Direito tem sua fonte na Natureza.

Ático: — E eu, como poderia opinar de outro modo, já que provamos, primeiro, que estamos dotados de dádivas divinas — se assim podemos dizer — segundo, que a convivência entre os seres baseia-se num princípio único, igual e comum, e, por fim, que a Humanidade está unida por uma natural complacência e boa vontade, da mesma forma que pela comunidade do Direito? Se admitirmos estas teses como verdadeiras — e racionalmente certas, creio eu — como poderíamos separar a Natureza a Lei e o Direito?

Marco: — Tens razão e efetivamente assim o é. Mas, de acordo com a orientação dos filósofos — não me refiro aos do passado, mas àqueles que, podemos dizer, abriram centros de sabedoria —, as matérias que antes se discutiam com abundância e liberdade, hoje costumam ser expostas em forma de análise distintas. Já não se acredita que um tema como o nosso possa esgotar-se sem estabelecer previamente, mas paralelamente, que a Natureza é a fonte do Direito.

Ático: — Assim, já não estás em condições de discutir livremente. Agora és tu que não te prendes a teu próprio raciocínio e te submetes a autoridade outras!

Marco: — Nem sempre, Tito. Olha, porém, o que tem em mira este discurso: consolidar os Estados, estabilizar as cidades, sanar os problemas dos povos. Por isso receio fixar princípios que não tenham sido bem examinados ou suficientemente analisados. Sem dúvida, não pretendo fazê-lo aprovar por todos, o que seria impossível, mas sim, pelo menos, por todos que opinam que o certo e o honrado são “apreciáveis” em si mesmos, e que se negaram ou a contar entre os bens aquele que por si não é digno de elogio ou, apesar de tudo, a colocar entre os grandes bens aquele cuja natureza não justifica tal elogio. Deste modo, refiro-me aos que estiveram na antiga Academia com Espeusipo, Xenócrates e Pólemon, aos que seguindo Aristóteles e Teofrasto conservam o fundo da filosofia anterior, mas com ideias distintas sobre o modo de expô-la; aos que adotam o critério de Zenão e mudaram os termos sem modificar a doutrina, e ainda aos que aderiram à severa e rude sorte de Aristão, hoje abandonada e refugada, segundo a qual tudo — a não ser as virtudes e os vícios — estava submetido à mais absoluta igualdade. Estes são os autores cuja aprovação desejo para o que disse antes. **Enquanto isso, aos que praticam a facilidade, sujeitam-se aos seus corpos e medem**

o desejável e o indesejável na vida pelo critério do prazer e da dor, ainda quando expressam a verdade (e este não é o momento para entrar nessa discussão), convidamos a expressá-la em seus jardins e a se afastar um pouco dessas sociedades políticas dos que não conhecem, nem jamais quiseram conhecer, coisa alguma. E, quanto à escola que introduz confusão nisto tudo — a Nova Academia de Arcesilau e Carnéadas, pedimos que se cale; pois se surgisse nesse quadro, que nos parece tão bem organizado e composto, provocaria demasiados danos. Sem problemas, desejo aplacá-las, não me atrevo a expulsá-la... pois que, neste assunto, para pagarmos por ela não precisamos de suas purificações. Mas, não existe a menor expiação quando se trata de crimes contra os homens ou de sacrilégio contra os deuses. Por isso, os castigos não nascem tanto das sentenças judiciais (que antes não se davam em parte alguma, que hoje não se dão em muitas partes e, quando se dão, são frequentemente errôneas) como das fúrias que acossam e perseguem, ainda que não com ardentes teias — estas pertencem à lenda — **ao menos com a angústia da consciência e dos tormentos da culpa**. Se o que separa os homens da injustiça fosse somente o castigo e não a Natureza, os maus não sentiriam preocupação alguma, tão logo desaparecesse o temor dos suplícios. E, sem dúvida, nunca houve ninguém entre eles, por mais ousado que fosse, que não houvesse cometido o crime, que não justificasse seu ressentimento, ou que não fundasse em alguma razão natural a justificação de seu ato. Se os maus vacilam em invocar estes princípios, com que amor deverão cultivá-los os bons? Se o castigo, se o temor dos suplícios, e não a própria essência desonrosa dos atos, nos levam a considerar uma vida dedicada à injustiça e ao crime, então nada é injusto, e os maus seriam mais adequadamente chamados de imprudentes. Se o que nos leva a ser honrado não é a própria honradez, mas sim a utilidade e o interesse, então não somos bons, somos espertos. Assim, haverá nas trevas quem nada tema a não ser o castigo ou o juiz? Que fará num deserto, se infortunadamente se encontra com um homem fraco e solitário a quem pode despojar de uma grande quantidade de ouro? O nosso homem, que é justo e bom por natureza, conversará com ele, ajudá-lo-á e lhe indicará o caminho certo. Mas aquele que não faça nada em favor do semelhante e meça todos os atos em função da vantagem própria, creio que já sabeis o que fará; e se, por acaso negasse haver assassinado ou despojado a este viajante, nunca o faria dizendo que semelhantes atos lhe parecem desonrosos por si mesmos, a não ser invocando o temor de ser descoberto, ou melhor dizendo, de ser prejudicado. Digna razão, de que os homens cultos e ainda os incultos deveriam envergonhar-se! Mas, o maior absurdo é supor-se que são justas todas as instituições e leis dos povos. Serão ainda justas as leis dos tiranos? Se os famosos Trinta quiseram impor leis em Atenas e se todos os atenienses aprovaram suas leis tirânicas, teríamos que considerá-las justas? Não, como esta lei de nosso *interrex*, segundo a qual o ditador, impunemente, podia mandar executar qualquer cidadão sem dependência de um juízo formal. **Assim, existe só um Direito, aquele que constitui o vínculo da sociedade humana e que nasce de uma só Lei; e esta Lei é a acertada em tudo quanto ordena e proíbe**. Quem a ignora é injusto, esteja ela escrita ou não em alguma parte. Se a justiça consiste na obediência às leis escritas e na conformação às instituições dos povos e, ainda, se — como se afirma na mesma escola — tudo deve ser medido pela regra da utilidade, então, qualquer um, que o julgue proveito, tratará, podendo, de desconhecer e violar as leis. Em consequência, a justiça simplesmente não existe se não deriva da Natureza e a utilidade acaba com toda a justiça constituída com base na utilidade: **se a Natureza não confirmar o Direito, todas as virtudes ruem. Com efeito, poderia existir a generosidade, o amor à Pátria, o respeito e o desejo de servir ao próximo ou de agradecer os favores recebidos? Porque estas virtudes nascem de uma inclinação natural que nos leva a amar o próximo e é nela que está o fundamento do Direito**. E não somente em relação aos homens, mas também em relação aos deuses com as cerimônias religiosas, já que, a meu ver, estas não devem ser conservadas apenas por temor, mas sim levando-se em consideração a união existente entre o homem e a divindade. Se a origem do Direito se encontrasse nos mandamentos do povo, nos decretos dos líderes ou nas sentenças judiciais, o Direito seria roubar, adulterar, falsificar sempre que fosse ratificado pelos desejos ou decisões da massa. Se as decisões e os mandamentos dos tolos podem fazer com que a natureza das coisas se transforme de acordo com seus desejos, então, porque não decidem que o mau e o pernicioso sejam tidos por bom e salutar? E já que a lei pode fazer da injustiça um direito, poderia também fazer com que o mau fosse bom. E nós, para distinguirmos o bem do mal, não temos outra solução que não seja recorrer à Natureza. É ela que nos permite discriminar o Direito e a justiça como também o honroso e o desonroso em

geral. **A Natureza nos deu inteligências comuns e implantou seus germens em nosso espírito para que pudéssemos relacionar o honroso com a virtude e o desonroso com o vício.** Seria preciso ser louco para crer que estas distinções se baseiam em convenções e não na Natureza. Ainda o que chamamos erroneamente virtude de uma árvore ou de um cavalo tem uma base natural e não convencional. Logo, a distinção entre o honroso e o desonroso também é natural. Pois se a virtude é toda convencional, o mesmo deve ser dito de suas partes distintas. Ora bem, quem determinará a prudência e, por assim dizer, o senso comum de um indivíduo considerando um fator externo em vez de seu comportamento? A virtude é uma razão perfeita; não há dúvida que sua base é natural. E isto vale também para a honradez em geral. Pois assim como o verdadeiro e o falso, o lógico e o ilógico, são julgados em si mesmos, e não em relação a outros fatores, do mesmo modo que uma regra da vida constante e contínua (isto é, a virtude) ou pelo contrário, uma conduta inconstante (isto é, o vício), hão de ser julgados de acordo com sua própria natureza. Se nos referimos à Natureza para apreciar os caracteres de uma árvore ou de um cavalo, não haveremos de fazer o mesmo para apreciar o caráter dos jovens? E se apreciarmos os caracteres de acordo com a Natureza, não agiremos da mesma forma no tocante às virtudes e aos vícios que nascem desses caracteres? E assim sendo, não acharemos necessário fazer uma relação entre a Natureza e o honroso ou desonroso? Se o bem é louvável é porque encerra em si mesmo algo que nos obriga a louvá-lo; pois o bem não depende de convenções e sim da Natureza. Se assim não fosse, a felicidade também se fundamentaria na convenção, e nada mais estúpido que isso se poderia dizer. Logo, dado que o bem e o mal se julgam em si mesmos e constituem princípios naturais, é óbvio que o honroso e o desonroso devem julgar-se também pela mesma regra e relacionar-se com a Natureza. É certo que nos deixamos impressionar pela variedade de opiniões e pelas contradições dos homens. E como não existem essas diferenças nas coisas sensíveis, pensamos que elas são naturalmente corretas; em troca, consideramos ilusórios os objetos que uns veem de um modo, outros de outro e que as mesmas pessoas não veem sempre do mesmo modo. Mas isso é um grande erro. **Pois nossos sentidos não foram depravados por uma mãe, uma ama de leite, um mestre, um poeta, um teatro e a opinião popular não os afastou da verdade.** Pelo contrário, nossos espíritos estão expostos a todas as observações por parte dos elementos que acabo de enumerar e que, ao encontrá-los tenros e informes, dão-lhe cor e os submetem a seu gosto. **E também os ameaça algo que se acha profundamente arraigado nos sentidos, algo que imita o bem, isto é, o prazer, fonte de todos os males; e assim, corrompido por suas delícias, perdendo a capacidade de distinguir as coisas naturalmente boas, porque não oferecem a mesma sedução nem os mesmos atrativos.**

Para terminar este discurso, tirarei uma conclusão que, depois do que foi dito, tem que ser óbvia: o Direito e, em geral, o honrado devem ser desejado por seus méritos intrínsecos. Ademais, todos os homens bons amam a equidade e o Direito em si, e não seria próprio deles cair no erro de amar algo que, por natureza, não fossem dignos de ser amado; logo, havemos de desejar e respeitar o Direito por si mesmo. Isso, valendo para o Direito, vale também para a justiça; valendo para a justiça, vale também para as demais virtudes. Então diremos que a generosidade é gratuita ou mercenária? É gratuita se o generoso não espera recompensa, e é mercenária quando a recebe. Mas é evidente que o homem a quem chamamos liberal ou generoso trabalha em função do dever, não visando a lucro. Por conseguinte, também a justiça não anda em busca de recompensa ou de remuneração; basta a si própria, e todas as demais virtudes invocam motivos e requerem conclusões semelhantes. Ademais, se se busca a virtude por suas vantagens e não por seu próprio valor, só restará a virtude a que, com todo o direito, chamaremos vício. Pois, quanto mais alguém subordina seus atos a sua conveniência pessoal, tanto menos pode ser considerado homem de bem; e os que medem a virtude pela recompensa não acreditam em virtude nenhuma e sim no vício. Onde está o generoso para com seu semelhante? Onde o agradecido, se os mesmos não tem consideração por quem lhe fez o favor? Onde a santa amizade, se ao amigo não se ama por si mesmo e “com todo o coração”, segundo reza a expressão? Termos que abandonar o amigo e descartar-nos dele tão logo terminem as vantagens e os proveitos da amizade, não pode haver nada de mais desumano. Porém, se a amizade deve ser cultivada porque possui valor em si mesma, então a sociedade humana, a igualdade e a justiça também terão fins em si mesmas. Não podemos negá-lo, sem anular por completo a justiça, pois o cúmulo da injustiça está em pedir compensação pela justiça.

E que dizer a respeito da moderação e da temperança, da continência e da modéstia, do pudor e da castidade? Quando não caímos em excessos é por temor à infâmia ou por temor às leis e aos tribunais? Os homens praticam a continência e a modéstia para ouvir os elogios que se lhes dirige e se ruborizam para adquirir boa fama. Dá-me vergonha em ter de falar da castidade, e me dão vergonha aqueles filósofos que julgam evitar todo juízo, a não ser que este seja alterado pelo vício mesmo. Como? Por acaso chamaremos de pudicos aos que se abstêm do estupro por temor à infâmia, quando a essência desta infâmia jaz na consciência desonrosa do ato? Que direito temos de louvar ou repudiar algo quando desconhecemos a natureza do que julgamos dignos de louvor ou de repúdio? Julgamos chocantes os defeitos corporais — pelo menos quando visíveis — e não as deformidades espirituais? Estas, sem dúvida, possuem um caráter desonroso que é muito fácil de observar através dos vícios que originam. Porque não há nada mais asqueroso que a avareza, mais desumano que o apetite sensual, mais desprezível que a covardia, mais miserável que a torpeza mental e a estupidez. Diremos, então, que os homens entregues a um ou vários vícios sofrem pelos prejuízos ou pelos tormentos de que são acometidos, ou pela indignidade intrínseca desses vícios? E isso pode aplicar-se perfeitamente ao louvor que merece a virtude. Finalmente, se se deseja a virtude com vistas a outros bens, existe necessariamente algo melhor que a virtude. E que será? O dinheiro, as honras, a beleza, a saúde? Mas estes são bens que, ainda que os tenhamos, tem importância relativa, e não se sabe com segurança quanto tempo hão de durar. Será, então, o prazer? A pergunta por si, já é desonrosa; ademais, a virtude ressalta principalmente do ato de desprezar e repudiar o prazer.

Vês como os assuntos e as ideias vão-se sucedendo e como se relacionam entre si. E, sem dúvida, se não me contivesse, poderia ainda continuar.

Quinto: — Até onde? Eu estaria disposto a seguir-te irmão.

Marco: — Até o bem supremo, a que tudo se dirige e a que todos os atos deveriam tender. É um assunto controvertido, que provoca muitas divergências entre os maiores sábios, mas a respeito do qual, teremos algum dia, de tomar posição.

Marco Túlio Cícero, Das Leis, Editora Cultrix, páginas 39 a 54.

Marco: — O que me pedes, Quinto, faz parte de nossas discussões e oxalá te pudesse dar! Mas é fora de dúvida que a forma de vida deriva da lei, uma vez que esta deve, ao mesmo tempo, retificar os vícios e fomentar as virtudes. Assim é que a sabedoria se converte na fonte de todos os bens. E o amor à sabedoria é segundo os gregos, aquela filosofia que constitui o dom mais fecundo, mais brilhante e o mais alto dado aos homens pelos deuses imortais. **Pois só ela nos ensinou, juntamente com os demais conhecimentos, o mais difícil de todos: o de nós mesmos; e a regra que o prescreve tem um significado tão profundo, que não foi atribuída a um homem qualquer, mas ao deus de Delfos. Pois aquele que se conhece a si mesmo começará por sentir-se de posse de algo divino; conceberá sua própria natureza como uma imagem consagrada, agindo e pensando sempre de um modo digno de tantos favores divinos; e quando se examinar a si mesmo, por inteiro, descobrirá todos os dons que lhe deu a Natureza ao nascer e todos os instrumentos de que dispõe para obter e alcançar a sabedoria. Pois desde o princípio formou em sua mente conceitos das coisas que estavam como que obscurecidas; mas depois de esclarecê-los, sob a orientação da sabedoria, compreende que nasceu para ser homem bom e, por isso mesmo, homem feliz. Com efeito, quando o espírito houver conhecido e percebido as virtudes, repudiando sua dependência e sua complacência referente ao corpo, quando houver eliminado o prazer como mancha de desonra, dominando todo o temor, até à morte e ao sofrimento, quando houver formado uma sociedade de amor com os seus, considerando seus todos que lhe estão unidos pela Natureza; quando houver adotado o culto dos deuses e a religião pura, aperfeiçoando a visão e a mente para escolher o bem e afastar o mal (virtude que se chama prudência por sua relação como prever), como considerar um ser mais feliz que o homem? E do mesmo modo, quando houver contemplado o céu, a terra, o mar e a Natureza toda, quando houver visto onde nascem as coisas, para onde se destinam, quando e como hão de perecer, qual o seu elemento humano e perecível e qual seu elemento divino e eterno, quando quase houver apreendido o Deus que as governa e rege, quando houver reconhecido que não é habitante de um lugar determinado,**

completamente encerrado entre paredes, mas sim um cidadão de um mundo constituído em forma de cidade única, então, em meio a esta magnificência, observando a Natureza e conhecendo-a, ó deuses imortais, quando se conhecerá a si mesmo, segundo o preceito de Apolo Pítio! Quanto desprezará e reputará insignificantes as coisas que o vulgo olha com admiração! E essas conquistas ele protegerá, como que por uma muralha, recorrendo à dialética, ao conhecimento do verdadeiro e do falso, à arte de descobrir as implicações e as contradições das ideias. Uma vez convencido de que está destinado a viver na sociedade civil, compreenderá a necessidade de empregar, não só a arma útil da dialética, mas também uma arma de maior alcance e de efeito mais duradouro, isto é, a eloquência, que governa os povos, dá força às leis, castiga os maus, ampara os bons e exalta os grandes homens. **Assim é que se apresentarão de modo persuasivo a seus concidadãos preceitos que conduzem à salvação ou à fama, como poderá ainda induzi-los à virtude, afastá-los do vício, consolar os aflitos e imortalizar em monumentos eternos os feitos e os ditos dos heróis e dos sábios, junto às ignomínias dos malvados. Essas são as múltiplas e grandes faculdades que descobrem no homem os que desejam conhecer a si mesmos; e a sabedoria é que as produz e educa.**

Marco Túlio Cícero, Das Leis, Editora Cultrix, páginas 56 a 58.

Dos Mistérios

Que as mulheres não façam sacrifícios noturnos, salvo aqueles que se fizerem legitimamente em nome do povo; **e que ninguém receba iniciação alguma, salvo nos mistérios gregos de Ceres**, segundo os costumes.

Marco Túlio Cícero, Das Leis, Editora Cultrix, página 71.

Marco: — **Que será de Iaco, de seus Eumólpidas e destes augustos mistérios se suprimirmos as cerimônias noturnas? Estamos, pois dando leis, não só ao povo romano, mas a todos povos bons e estáveis.**

Ático: — **Creio que excetuas os mistérios nos quais nos iniciamos.**

Marco: — **Sem dúvida, excetuo-os. Pois, entre as muitas instituições excelentes e divinas que a tua Atenas imaginou e introduziu na vida humana, a mim parece que nenhuma é melhor que estes mistérios; pois, arrancando-nos da vida selvagem e bárbara, nos poliram e suavizaram com vistas a uma existência digna do homem. Nas chamadas iniciações, encontramos, com efeito, verdadeiros princípios de vida e recebemos normas, não só para viver na alegria, mas, também, para morrer com maior esperança.** O que me desagrada, porém, nos rituais noturnos, são as liberdades a que se permitem os poetas cômicos. Se Roma houvesse conhecido as mesmas licenciosidades, a que extremos não haveria chegado o indivíduo que assistiu, com propósitos libidinosos, a um sacrifício onde não se tolerava sequer a presença de olhos indiscretos?

Ático: — Muito bem; propõe esta lei para Roma, porém, não nos tire as nossas.

Marco: — Volto, pois, ao nosso assunto. Devemos empenhar-nos em conseguir que a reputação das mulheres estejam sob a proteção de todos os olhos e da clara luz do dia, fazendo que as iniciações no culto de Ceres se realizem do modo praticado em Roma. Nesse assunto a severidade de nossos antepassados fica demonstrada pelas antigas decisões do Senado, no que se refere às Bacanais, assim como pelos tribunais específicos e pelas decisões judiciais que, então, instituíram os cônsules com o auxílio de um exército.

Marco Túlio Cícero, Das Leis, Editora Cultrix, páginas 77 e 78.

Religião

Marco: — ... Assim, teremos também a opinião autorizada deste grande homem em matéria de sepulcros. Ademais, fixa os gastos funerários entre uma e cinco minas, de acordo com o censo. E depois surgem estas famosas considerações acerca da imortalidade da alma, do descanso final que espera os bons, mais além da morte, e dos castigos que padecem os ímpios. Creio que já tens todas as explicações relativas à religião.

Marco Túlio Cícero, Das Leis, Editora Cultrix, página 91.

Muita paz e amor para você.

Recordemos O Espírito Verdade: Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.

Pedro Pereira da Silva Neto